

ILUSÕES *versus* REALISMO

O que é arte?

ARTE ARTEIRA COMO AQUELA DO QUEER MUSEUM?

J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

Enviada em: quinta-feira, 8 de fevereiro de 2018 18:28

Para: Alessandra Fedeski ; Aristides Arthur Soffiati Netto (as-netto@uol.com.br); Carolina Bahia; Cláudia Laitano ; David Coimbra ; Francisco Marshall ; Juremir Machado ; Larissa Roso (larissa.roso@zerohora.com.br); Luis Fernando Verissimo; Lya Luft ; Martha Medeiros; Nilson Souza ; Paulo Germano (paulo.germano@zerohora.com.br); Percival Puggina ; Rosane de Oliveira

Assunto: O que é arte? ARTE ARTEIRA COMO AQUELA DO QUEER MUSEUM? - J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

Prezados,

neste mundo com novas tecnologias propagando pela internet, de forma acelerada pelas redes “sociais”, ideias interessantes, tolices, mentiras, esculhambação,... tudo misturado, sem classificação e em velocidades e volumes crescentes, são comuns as críticas quando fatos ou ideias vão contra “velhos” entendimentos morais apesar de, no contraponto, receberem forte apoio de “mentes revolucionárias” dos costumes o que, não raramente, provoca desentendimentos rancorosos entre familiares, amigos, conhecidos e até entre pessoas que nem se conhecem direito.

Faz-se mister reavaliar e debater essas questões polêmicas sob o prisma de boas análises para que haja mais bom senso, hoje tão raro, por este mundo hoje tão tenso.

Neste sentido, passo *link* (e transcrição) de excelente artigo de José Roberto Guzzo na revista Veja que me pareceu bem objetivo sobre as apaixonadas discussões -com pouco debate- avaliando se parte do que estava exposto como Queer Museu, patrocinado por Santander, era só pornografia barata de mau gosto, arte ou não e o que é que envolve o mundo e os interesses da arte.

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

© <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/j-r-guzzo-arte-pense-duas-vezes/>

J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

**Abriu-se espaço no Brasil para serem ditas as mais espetaculares bobagens
- em geral, ditas com indignação e embrulhadas em “postura política”**



Comparação - A arte clássica segue convenções fortíssimas, que definem o que é beleza, genialidade, excelência: por causa delas, 'Moça com Brinco de Pérola', de Vermeer, é uma obra-prima e 'Criança Viada' da Queermuseu não é nada (Roger Lerina/Folhapress)

Publicado no blog [Fatos](#)

A cultura não avançou um único milímetro no Brasil em 2017 — coisa mais do que normal, na verdade, quando se leva em conta que temos aqui um Ministério da Cultura, artistas que recebem verbas do governo para sobreviver ao desinteresse do público pelas suas obras e uma lei que mistura artes e espetáculos, incluindo exposições de circo, com abatimento do imposto de renda. O que esperar de uma fraude deste tamanho? Os fatos, em todo caso, acabaram chamando a atenção de muita gente para a discussão geral sobre arte que existe no mundo inteiro — mais exatamente, a discussão sobre o que é arte e o que não é, ou, mais inquietante ainda, sobre o que é arte boa e o que é arte ruim. Esse debate chegou ao Brasil de 2017, de forma mais visível e barulhenta, com o prodigioso episódio do “Queer Museu”, uma exposição de artefatos envolvendo a ideia de sexo, e da exposição do Homem Pelado como obra de arte.

Naturalmente, abriu-se espaço para serem ditas as mais espetaculares bobagens — em geral, bobagens ditas com indignação e embrulhadas em “postura política”. A disputa não faz sentido, por estar se tornando um debate ético, político ou sociológico quando não se trata, com certeza, de nada disso. Foram invocados valores morais. Dividiram-se os campos em progressista e reacionário, de “esquerda” e de “direita”. O resumo da ópera, para falar claro, é o seguinte: a arte contemporânea e sem compromisso com os “padrões artísticos tradicionais” é considerada no meio cultural de hoje como sendo popular, criativa e libertadora. A arte clássica é elitista, atrasada e totalitária. Por consequência, criticar um “Queer Museu” como algo bobo, inútil ou simplesmente ofensivo, não é apenas uma opinião — tornou-se um manifesto do mal.

Deveria, obviamente, haver lugar para tudo. Não pode ser um pecado, certamente, aplaudir a qualidade superior de um tipo de arte que por consenso da imensa

maioria, ao longo dos séculos, produziu maravilhas que estão entre as mais sublimes expressões do espírito humano. Não há nada errado com os critérios regulares de qualidade, técnica e talento que valorizam um quadro ou uma escultura. A arte clássica, além disso, não é uma inimiga da liberdade; inimigos da liberdade são os que querem mandar no pensamento dos outros. Mais que tudo, é preciso admitir que há, sim senhor, convenções em matéria de arte. Se você não gostar delas, paciência — são convenções fortíssimas, que definem o que é beleza, genialidade e excelência numa obra artística, e estão acima dos seus pontos de vista pessoais no assunto. É por causa delas que se considera a Pietà de Michelangelo uma obra de arte superior à estátua do ET de Varginha. É por causa delas que A Menina com o Brinco de Pérola, de Vermeer, é uma obra prima da pintura universal e a “Criança Viada” do “Queer Museu” não é nada.

Isso não quer dizer, certamente, que só os gênios têm o direito de pintar quadros; é necessário, apenas, que não sejam condenados como parte de “um mundo burguês que já morreu”. Que viva em paz, espalhada pelo mundo, toda essa multidão de artistas plásticos que se dedicam com mais ou menos empenho, alegria e honestidade a produzir trabalhos que eventualmente serão expostos e vendidos a alguém — e esse alguém, obviamente, só os comprará por sua livre e espontânea vontade e pelo preço que aceita pagar. É arte contemporânea, sem dúvida, pois é produzida nos dias hoje. Se é mesmo arte — bem, aí já depende do julgamento de quem vê a obra, ou é informado sobre ela. A maioria acha que não é, ou simplesmente não se interessa pelo assunto. Os demais formam o público que atualmente vai a bienais, museus, galerias, exposições e outros espaços onde são exibidas pinturas, esculturas ou objetos de qualquer natureza, de gaiolas com urubus a juntas de cabeçote. Quem quer vai, quem não quer não vai; na verdade, o grosso do público nem toma conhecimento de que há alguma coisa a ser vista. Qual poderia ser o problema? Nenhum. A única coisa que se pode fazer a respeito disso é a seguinte: nada.

Irritar-se com a arte contemporânea ou com o conjunto de atividades que são apresentadas como tal, é uma postura mental sem propósito e, sobretudo, inútil — tanto quanto é estúpido considerar a arte clássica como coisa de “direita”. Mais deformada ainda é a ideia de que deveria ser tomada alguma “providência” a respeito, ou que se faça alguma “regulamentação” sobre o tema. Estamos aqui, muito simplesmente, no mundo da liberdade de expressão — e a liberdade de expressão, ao contrário do que gostam tanto de propor os seus inimigos disfarçados, não pode ser “aperfeiçoada”. Deve existir, só isso, e ficar naturalmente dentro dos limites da lei — que são poucos, sensatos e perfeitamente conhecidos. Os resultados disso serão bons, ruins ou neutros, de acordo com o julgamento de cada um. Se forem considerados bons, transformam-se num valor. Se forem considerados ruins, viram apenas mais um punhado de lixo no oceano de dejetos que o mundo rejeita a cada dia.

É útil acrescentar, também, que a arte contemporânea faz parte do universo do trabalho – e isso, por si só, já lhe faz merecer uma medida de respeito. Muitos dos artistas atuais fazem o melhor que podem, dentro dos limites de seu talento, sua imaginação e suas habilidades. Outros, jamais mencionados ou nem sequer considerados artistas, produzem, à mão ou em escala industrial, os milhões de quadros, esculturas e objetos que estão nas paredes de quartos de hotel, em saguões de prédios de apartamento ou em edifícios de escritórios, salas de espera de dentistas, restaurantes, bares, lojas, aeroportos, hospitais, delegacias de polícia – e mais outros milhões de lugares pelos quatro cantos do mundo. Representam, no conjunto, toda a arte que a maioria da população mundial verá do começo ao fim de suas vidas. A eles se somam os artistas que trabalham na infinidade de tarefas estéticas e funcionais geradas pela tecnologia e pelo avanço econômico.

Ao lado de todos esses, inevitavelmente, convivem os diletantes para os quais a arte funciona como um círculo social. Outros são aproveitadores mal intencionados das verbas que o Estado brasileiro, em suas 1.001 maneiras de ser roubado e, ao mesmo tempo, fazer o mal na cultura, distribui “à arte”. Outros, enfim, no Brasil e no resto do mundo, são experientes charlatães que trapaceiam o público, com a cumplicidade de “galeristas” e outros intermediários, criando arte que não existe e traficando sua produção no mercado. Vendem, como obra artística, o equivalente ao elixir universal contra a queda de cabelo ou à última relíquia achada no Santo Sepulcro. Praticam, apenas, uma modalidade a mais de estelionato. Contam, necessariamente, com a colaboração ativa dos compradores, que pagam bom dinheiro pelos artefatos que adquirem – por ignorância, na crença de estarem comprando “arte moderna legítima”, ou por ganância, achando que a coisa vai valorizar e pode, no futuro, ser passada adiante com lucro. Há, enfim, os que simplesmente não sabem pintar, nem esculpir, nem desenhar, nem fazer um barquinho de papel, mas se apresentam como artistas. É seu direito.

A cada um, portanto, o seu trabalho, a sua liberdade e as suas circunstâncias. Mas esta não é a postura de grande parte do mundo artístico, no Brasil e nas grandes capitais da cultura internacional, no debate sobre a natureza, a qualidade e os limites da arte em nosso tempo. Há ali todo um esforço feroz para elevar à categoria de “arte”, onde as obras recebem preço e podem ser vendidas, toneladas de artefatos, “instalações” e bugigangas que não têm valor comercial nenhum, do ponto de vista objetivo – a não ser, talvez, o peso do material usado na sua fabricação. Transformadas em arte, porém, passam a valer dólar. É uma imensa farsa em escala mundial, onde o mandamento principal é inventar gostos artísticos que não existem, por serem artificiais e contrários à natureza. Em seguida se produzem objetos talhados a satisfazer esses desejos pré-fabricados. Por fim, se tudo dá certo, vende-se uma moldura sem tela, ou um tronco de árvore, ou qualquer coisa, como obra “importante” da vanguarda da arte moderna.

No caminho entre a Primavera de Botticelli e o “grafite” do Zé Mané, promovido a “artista da rua” pela máquina de fabricar estoques para o mercado artístico, perdeu-se um bocado de coisas. “O belo, o inspirador e o profundo foram substituídos pelo novo, o diferente e o feio”, diz o professor de arte americano Robert Florczak. Ele faz uma comparação interessante. Michelangelo, lembra Florczak, esculpiu o David, com os seus cinco metros de altura, trabalhando durante três anos num bloco de rocha de mármore. Hoje o Museu de Arte Moderna de Los Angeles exhibe, como ápice da arte, apenas o bloco de rocha — que nem de mármore é. Mostra bem de onde saímos e aonde chegamos. O pedaço de pedra tem 340 toneladas. É avaliado em 10 milhões de dólares. O público, admirado, se junta em volta tentando descobrir por que uma coisa daquelas valeria tanto dinheiro. Por que não? Na última bienal de São Paulo, em 2016, havia uma sala com 4.000 moscas. Era de um artista internacional com nome “no mercado”. Críticos de arte escreveram artigos sobre “a dimensão artística” da obra; ficaram incompreensíveis, é claro.

Não é a estética que está no centro da fraude mundial que se armou em torno da arte contemporânea. Não é o valor artístico segundo padrões racionais, ditados pela disciplina, o rigor do desenho e a habilidade na execução. Não é a definição da excelência pela perícia técnica competente e o senso comum da maioria. Trata-se de elementos indispensáveis para a conversa fazer sentido; sem padrões estéticos definidos, não há, pura e simplesmente, como determinar qualidade ou inferioridade. Qualidade, numa obra de arte, não é meramente uma opinião particular — é algo que pode ser medido objetivamente. Mas a multidão de interessados em arte, hoje em dia, não está interessada em discutir nada disso. Ao contrário, sustentam na mídia (e desde as escolas de arte) que é uma atitude retrógrada pensar em padrões artísticos de “antigamente” – esses padrões que vêm caindo desde o caso dos pintores impressionistas, a ponto de não haver, hoje, padrão nenhum. Tudo que sobrou foi a “expressão pessoal”: a ideia, cada vez mais triunfante, segundo a qual “tudo pode ser arte”, se assim o autor o desejar e o mundo econômico da arte aprovar.

O que mantém em vida e prosperidade essas crenças todas, pelas quais um Rembrandt vale a mesma coisa que uma “performance” qualquer, é o interesse financeiro. Não há mais Rembrandts disponíveis; em compensação a oferta de “performances” é ilimitada, como a de moscas, borrões de tinta ou cachimbos de crack para se montar “instalações”. Por isso, como dito acima, essas coisas todas precisam ser declaradas objetos de arte e, a partir daí, ganhar um valor monetário. É um mundo em que as sentenças sobre o bem e o mal dependem do consórcio de interesses materiais que une marchands, donos de galerias de arte e leiloeiros. Há os curadores de museus, organizadores de exposições e avaliadores de obras. Ganham a vida com isso críticos que escrevem na imprensa, patrocinadores de eventos e executivos de bancos gestores de patrimônio. A eles todos se juntam ONGs, burocratas da cultura, corretores da Lei Rouanet – e, por fim, alguns que têm a

função de desempenhar o papel do artista. Esse é o mundo real, que move e sustenta a arte contemporânea. Não é outro. O que vai fazer um curador de museu se não comprar nenhuma obra para o acervo?

Pense duas vezes, portanto, na próxima vez que lhe falarem sobre arte.

From: [Ellen Bisconti](#)

Sent: Thursday, February 08, 2018 10:09 PM

To: [Manfredo Winge](#)

Subject: Re: O que é arte? ARTE ARTEIRA COMO AQUELA DO QUEER MUSEUM? - J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

Manfredo,

entrei para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em 1969, aos 17 anos. Era ao lado da Rhetorica da UFRGS. Acho que hoje em dia dizem "curso".

Nas aulas iniciais, lembro de professores, alguns mais tarde cassados, ensinando que Arte, com **a** maiúsculo, é o bom, o belo, o verdadeiro. Época dos gregos.

Mas há 3000 anos, já havia Arte. As pessoas que apregoam que tudo é arte, em especial os admiradores do Queer Museu, são retardatárias. Os egípcios já nos davam lições de bom gosto. A palavra-chave é "gosto", sensibilidade. Até Hitler saiu de sua cidade e foi para Munique onde tentou ser aceito na Escola de Artes. Suas pinturas eram tão perfeitas, uma fotografia. Faltava a criatividade. Sem dinheiro, frequentou bares à noite, se meteu na política e deu no que deu... Não caiu no gosto da Banca.

Lembro da Capela dos Medici em Florença. Rodopiar no seu centro e não saber onde fixar o olhar. Michelângelo se superou.

Será que no Queer Museu alguém sofreria da Síndrome de Stendhal? Ver tanta beleza reunida, sofrer de um distúrbio psicossomático por isso? A maioria se sentiu melindrada. Por uma minoria.

Acredito na liberdade de expressão. Mas isso não é Arte, é direito. Não deveria atingir o gosto e a moral dos espectadores.

O verdadeiro artista **sabe** pintar. Não polvilha de cores e traços uma tela. Pintura moderna muitas vezes se constitui no alibi de quem não consegue expressar o bom e o belo. Quem não tem competência não se estabelece.

A Arte nos faz querer compartilhar com outros o que vimos e transmitir nossa emoção. Visitas a museus, especialmente aos tantos existentes em Porto Alegre, de artistas gaúchos, definiria desde cedo o gosto pelo que é Arte. Esse fato é tão comum na Europa. Ver nossas crianças com professores apreciando telas, esculturas. Escutando o guia e o professor. Não o que aconteceu aqui onde foram surpreendidos de uma forma negativa e até agressiva. Meus antigos professores nos deram aulas memoráveis, comparando a Literatura à Pintura, Escultura, Música, Arte em geral. Esse QM seria o mesmo que comparar uma composição de Chopin a uma "música", dessas modernas, estilo bate-estaca. Nem pensar.

De: assad

Enviada em: sexta-feira, 9 de fevereiro de 2018 10:39

Para: Manfredo Winge

Assunto: Re: O que é arte? ARTE ARTEIRA COMO AQUELA DO QUEER MUSEUM? - J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

Olá, Manfredo. Tudo bem com você?

Obrigada pelo texto enviado. Não costumo ler nada da Veja e li com atenção esse texto, pois o tema é realmente instigante e atual. O assunto é bem complexo. E num país tão rico culturalmente e com tão poucos que se dispõem a valorizar a cultura, pagando por suas diferentes formas de manifestação, é importante ter textos como este num periódico de grande circulação. Pena que o autor confunde arte com cultura e faz julgamentos de valor, combatendo aqueles que o fazem.

Um forte abraço,
Leonor Assad

Sent: Wednesday, February 21, 2018 7:50 PM

To: ['assad'](#)

Subject: RÉPLICAS: O que é arte? ARTE ARTEIRA COMO AQUELA DO QUEER MUSEUM? - J.R. Guzzo: Arte? Pense duas vezes

Cara colega Leonor,

tudo bem. Espero que com vc e família também. (rimou! oh! é arte, é poesia!!!).

Não sou entendido em arte, mas penso que arte em geral (literatura, teatro, cinema, música, pintura, escultura, fotografia..) e artesanato, decoração, paisagismo, folclore, ... são derivações da representação da “veia” lúdica, artística e estética e *criativa* da Humanidade.

Talvez a arte tenha nascido com a evolução cognitiva do Homo *sapiens*. Ao desenvolver as capacidades de comunicação e abstração na fala, ele deixou de somente se comunicar guturalmente quando reagia, instintivamente, às ameaças do meio ambiente - para se proteger e para procriar – e passou, também, a alçar “novos voos” extra animalidade; começou a analisar a natureza e semelhantes, “imaginar” coisas e, depois, a criar mitos, religiões, contar histórias de geração para geração, etc. e, com isso, teve vontade de representar a realidade através rabiscos, entalhes e pinturas rupestres pré históricas, algumas belas, distribuídas em várias regiões mundiais diacronicamente e associadas a várias cepas (raças?) de humanos constituídas com a dispersão das tribos de nossos antepassados a partir da África. Neste sentido uma flauta de osso ligada a sítio arqueológico de neandertais (mais de 30mil anos) indica uso artesanal para se comunicar, chamar passarinhos, cachorros/lobos, (?).. ou, por que não, talvez para a arte da música em nível incipiente.

Não há como não estabelecer uma forte relação entre ARTE e CULTURA com a primeira envolvendo criação e desenvolvimento individual e/ou em grupo coordenado de ações estéticas e com a segunda, mais relacionada a costumes, tradições de ações artísticas, artesanais, folclóricas, de princípios morais, etc. de povos, sociedades, tribos, etc.. e que tende a ser transmitida em gerações sucessivas como elemento de identidade grupal, de pulsão mística, lúdica,.. muitas vezes em momentos especiais de alegria, de tristeza,.. Sabe-se que nas conquistas de povos as culturas (e tendências artísticas)de vencedores e vencidos tendem a se misturar e, não raramente, povos vencidos, mas mais cultos e eficientes em atividades laborais, fizeram aportes culturais mais fortes nessas misturas.

Mas o que foi salientado pelo autor Guzzo é que qualquer um pode ser artista ou assim se auto denominar, porém, dia mais dia menos, as verdadeiras “obras de arte”, fruto de criatividade real sempre vão tender a ser mais valorizadas por experts e atendendo ao princípio da “lei humana da oferta e da procura”, são às que vão continuar enfeitando salas, museus, etc.; já aquelas “valorizadas” pelo oba-oba do modismo exibicionista e que busca significados “profundos” em

coisas que, só de olhar, pode dar engulhos - como a cena de um dos quadros do Queer Museum que apresenta a curra em um negrinho que, ao mesmo tempo, faz sexo oral em outra figura feia.. ou como montes de lixo e esterco salpicados por tintas variadas.. em bienais , essas coisas só da moda e significados inventados e passageiros tendem a ir rápido para as paragens do eterno esquecimento.

Grande abraço extensivo ao Eduardo
Manfredo

De: Oscar P. G. Braun
Enviada em: terça-feira, 10 de setembro de 2019 00:36
Para: Manfredo Winge;
Assunto: Arte

Manfredo,

Entrei na sua *Home Page* e acessei os textos sobre Arte, aí peguei um texto meu que [envio em anexo](#).

Abraço,
Oscar

De: "Manfredo Winge"
Enviada: 2019/09/12 17:49:38
Para: opgbraun@uol.com.br
Assunto: RES: Arte

Caro Oscar,

atabalhado por atividades mil, li esse texto que me mandastes. Achei muito bom, faz uma interessante incursão na história das artes, é instigante e polêmico.

Polêmico porque aquilo que eu acho bonito e legal outra pessoa pode não achar.

O que tu achas que é rabiscos, para outra pessoa pode ser uma “visão holística do nada” - (gostou?).

É teu? tem uma data ou referência da criação para postar, ou usamos a data do email?

Manfredo

Voltar para: [SITE](#) ou para: [Ilusões versus Realismo](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE [Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail](#)

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione ‘Ctrl’ e ‘F’ simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre